

O FUNCIONAMENTO DISCURSIVO DA HOMILIA: UMA PERSPECTIVA DIALÓGICA

The discursive functioning of the homily:
A dialogical perspective

Demilson Mendes da Silva¹

RESUMO

Este artigo investiga o funcionamento discursivo da homilia cristã, especialmente à luz da teoria dos gêneros do discurso de Mikhail Bakhtin. Compreendida como um gênero situado, dialógico e ideologicamente orientado, a homilia é analisada como prática retórica que articula múltiplas vozes — bíblicas, teológicas, culturais e subjetivas — no contexto de uma comunidade de fé. O estudo destaca a dialogia como chave interpretativa, a heterogeneidade constitutiva do discurso homilético, sua dimensão performativa e o papel do ethos do pregador na construção da autoridade. Além disso, a homilia é compreendida como dispositivo de mediação entre o sagrado e o cotidiano e como espaço de resistência profética frente às injustiças sociais. Ao integrar as contribuições de autores como Bakhtin, Ricoeur, Foucault, Maingueneau, Boff e Butler, o artigo propõe uma abordagem crítica e ética da pregação cristã contemporânea, evidenciando seu potencial transformador não apenas no campo religioso, mas também no social.

Palavras-chave: Homilia. Discurso Religioso. Gêneros do discurso.

ABSTRACT

This article investigates the discursive functioning of the Christian homily, especially in light of Mikhail Bakhtin's theory of speech genres. Understood as a situated, dialogical, and ideologically oriented genre, the homily is analyzed as a rhetorical practice that articulates multiple voices — biblical, theological, cultural, and subjective — within the context of a faith community. The study highlights dialogism as a key interpretative concept, the constitutive heterogeneity of homiletic discourse, its performative dimension, and the role of the preacher's ethos in constructing authority. Furthermore, the homily is understood as a device of mediation between the sacred and the everyday, as well as a space of prophetic resistance against social injustices. By integrating contributions from authors such as Bakhtin, Ricoeur, Foucault, Maingueneau, Boff, and Butler, the article proposes a critical and ethical approach to contemporary Christian preaching, emphasizing its transformative potential not only in the religious sphere but also in the social realm.

Keywords: Homily. Religious Discourse. Speech Genres.

¹ Mestrando em Ciências da Linguagem pela Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL), é bacharel em Teologia pelo Instituto Adventista Paranaense (IAP) e Pós-Graduado lato sensu em Docência em Filosofia e Teologia pela Faculdade Única de Ipatinga (FUNIP).
E-mail: demilsonmendesdasilva@gmail.com

INTRODUÇÃO

A homilia, como gênero discursivo religioso, é uma forma complexa de comunicação pública que visa não apenas instruir, mas também persuadir, edificar e transformar seus ouvintes. Mais do que uma simples exposição do texto bíblico, ela constitui uma prática retórica e social profundamente marcada por valores, crenças e tradições que atravessam séculos de história da fé cristã. Como observa James Thompson (2001), “a homilia está no cruzamento entre o texto antigo e a vida contemporânea, buscando iluminar um com a luz do outro”. Nesse sentido, ela articula o dizer do pregador com as vozes da Escritura, da tradição e da contemporaneidade, inserindo-se em um processo comunicativo que envolve linguagem, subjetividade, historicidade e performatividade.

A homilia, portanto, é uma prática discursiva situada, que carrega intencionalidade e responde a expectativas comunicativas específicas da comunidade de fé. Ela não é um ato isolado ou neutro, mas um evento discursivo que se dá em condições concretas de produção: uma assembleia litúrgica, um espaço sagrado, um tempo ritual, uma relação assimétrica entre enunciador e auditório. Como afirma Michel de Certeau (1995, p. 192), “a pregação é o lugar onde se busca dar corpo à palavra invisível”, revelando o esforço humano de tornar compreensível o mistério divino. Essa mediação é feita por meio da linguagem — simbólica, alusiva, evocativa — e é nela que reside o caráter essencialmente dialógico da homilia.

A perspectiva dialógica proposta por Mikhail Bakhtin (1997) oferece um marco teórico decisivo para compreender a homilia como gênero do discurso. Para o pensador russo, “todo enunciado é uma resposta a outros enunciados e se orienta para respostas futuras” (BAKHTIN, 1997, p. 113). A homilia, nesse sentido, é sempre um discurso em relação: com o texto sagrado, com os ouvintes presentes, com os discursos sociais em circulação e com o próprio Deus. É um gênero que vive do entrelaçamento de vozes — polifonia — e da construção de sentidos em permanente negociação entre tradição e atualidade.

Além disso, o discurso homilético é ideologicamente orientado. Nenhuma pregação é neutra, pois todo discurso carrega valores, visões de mundo e posições éticas. Como lembra Paul Ricoeur (1976), “interpretar é fazer escolhas, e toda escolha é guiada por uma visão de mundo”. O pregador, ao selecionar um texto, dar-lhe uma determinada leitura e propor aplicações práticas, está exercendo uma função hermenêutica que vai além da simples repetição: ele reconstrói o sentido e o direciona à vida da comunidade. Nesse processo, articula-se uma relação entre linguagem e poder simbólico, que Pierre Bourdieu (1991) chama de “autoridade legítima do discurso”.

O caráter performativo da homilia também é digno de destaque. Ao proferir uma homilia, o pregador não apenas comunica conteúdos; ele realiza atos — convoca, exorta, consola, denuncia, promete. Essa dimensão foi aprofundada por autores como J. L. Austin (1962) e Judith Butler (1997), ao entenderem que a linguagem é capaz de produzir efeitos no mundo, não apenas descrevê-lo. O discurso homilético, nesse sentido, não se limita a informar: ele transforma, constrói subjetividades, renova compromissos e molda identidades comunitárias.

Com base na teoria dos gêneros do discurso de Bakhtin e nas contribuições de pensadores da linguagem, da filosofia e da teologia, este artigo propõe uma reflexão sobre o funcionamento discursivo da homilia, entendida como enunciado

situado, dialógico e ideologicamente orientado. Trata-se de compreender como o discurso homilético opera como gênero verbal que constrói sentido a partir de múltiplas vozes, com objetivos específicos de convencimento, ensino e mobilização. A homilia, portanto, será aqui investigada em sua dimensão estética, ética e pragmática — como palavra que forma e transforma, como discurso que edifica e convoca à vida plena no horizonte do sagrado.

1. A HOMILIA COMO GÊNERO DISCURSIVO

Mikhail Bakhtin (1997) entende os gêneros discursivos como formas relativamente estáveis de enunciados, moldados pelas condições sociais e históricas de sua produção. Eles não são apenas formas textuais, mas modos de interação social que carregam finalidades, estilos e temas recorrentes. A homilia, nesse sentido, é um gênero que emerge dentro da esfera eclesial e litúrgica, respondendo a expectativas comunicativas específicas: interpretar a Escritura, aplicar seus ensinamentos à vida concreta e promover a fé, a conversão e o compromisso ético do ouvinte com a mensagem cristã.

Segundo Bakhtin, “todo enunciado vive na tensão entre o já-dito e o ainda-não-dito, entre as vozes do outro e a voz do eu” (BAKHTIN, 1997, p. 91). A homilia, ao ser proferida, insere-se nesse campo dialógico, pois dialoga com o texto bíblico, com os ouvintes, com os dogmas da tradição e com o contexto sociocultural em que se realiza. O pregador, portanto, não é uma voz neutra, mas um sujeito ideológico que assume determinadas posições teológicas, éticas e políticas. Ele faz escolhas linguísticas e interpretativas que revelam sua filiação confessional e sua intencionalidade comunicativa.

Como aponta Dominique Maingueneau (2008), os gêneros não apenas regulam a forma do que se diz, mas autorizam certos dizeres e interditam outros, funcionando como dispositivos de legitimidade discursiva. No caso da homilia, o gênero impõe limites formais e funcionais: espera-se que o pregador cite as Escrituras, que siga uma estrutura relativamente estável (introdução, desenvolvimento, conclusão, apelo) e que oriente sua fala para o bem espiritual da comunidade. Esses elementos constituem o que Maingueneau chama de “cena de enunciação institucional”, na qual o pregador fala como representante autorizado de uma tradição eclesial.

Além disso, como lembra Paul Ricoeur (1976), a pregação cristã se situa entre dois polos interpretativos: a fidelidade ao texto sagrado e a relevância para a audiência atual. O pregador, então, atua como mediador hermenêutico, tornando presente uma palavra antiga em uma nova situação. Essa mediação é marcada por tensões: entre literalidade e atualidade, entre autoridade e diálogo, entre transcendência e experiência. A homilia é o lugar onde essas tensões se manifestam discursivamente.

A própria Bíblia, em sua multiplicidade de gêneros (narrativa, poesia, profecia, epístola), oferece ao pregador um repertório rico de formas e sentidos. A homilia, como gênero secundário (no sentido bakhtiniano), retoma esses discursos e os reinscreve em uma nova ordem discursiva. É por isso que a homilia é sempre um discurso em segunda instância — uma palavra sobre a Palavra, uma interpretação que se pretende fiel, mas que é inevitavelmente situada, histórica e parcial.

Portanto, compreender a homilia como gênero discursivo é reconhecer sua inserção em uma cadeia de enunciados religiosos e sociais, que condicionam sua forma, sua função e seu conteúdo. Isso implica levar a sério não apenas o que é dito, mas como, por que e para quem se diz. A homilia, longe de ser um discurso puramente espiritual, é uma prática social profundamente influenciada pelas disputas de sentido que atravessam a Igreja e a sociedade.

2. A DIALOGIA COMO CHAVE INTERPRETATIVA

A dialogia é um conceito central na teoria bakhtiniana, que se refere à natureza essencialmente relacional da linguagem: todo discurso é, em alguma medida, uma resposta a discursos anteriores e uma antecipação de respostas futuras. Em *Estética da criação verbal*, Bakhtin (1997) afirma que “a vida da palavra está em sua resposta: é nesse movimento de endereçamento e réplica que o sentido se constitui” (p. 121). Desse modo, a homilia, por sua própria constituição, é um discurso responsivo. Ela se constrói como réplica a um texto sagrado — a Escritura — e ao mesmo tempo como interpelação ao ouvinte e ao seu contexto histórico e existencial.

Trata-se, portanto, de um discurso duplamente orientado: para o passado do cânone bíblico e para o presente da comunidade de fé. Essa tensão entre a tradição e a atualidade é o que confere à homilia sua vitalidade discursiva. Paul Ricoeur (2008) observa que “a pregação é uma hermenêutica encarnada”, ou seja, ela atualiza sentidos a partir da mediação do intérprete. Nesse processo, o pregador funciona como um elo entre o mundo do texto e o mundo do auditório, fazendo do púlpito um lugar de encontro entre vozes. Como destaca Kevin Vanhoozer (2005), “o pregador é um dramaturgo do verbo, que dá vida à Palavra por meio de uma encenação teológica no tempo presente”.

Assim, a homilia se torna uma arena de vozes — algumas explícitas, outras implícitas — que disputam sentidos sobre Deus, a vida, a justiça, o sofrimento, a fé e a esperança. Essas vozes podem vir da tradição bíblica, da patrística, dos reformadores, de teólogos contemporâneos, de discursos populares ou das vivências cotidianas da comunidade. Nesse processo, a linguagem homilética adquire uma dimensão polifônica, pois o pregador não fala apenas com sua própria voz, mas com múltiplos registros que se cruzam e se refratam na enunciação.

A esse respeito, Bakhtin (1981), em *Teoria e estética do romance*, destaca que “não existe enunciado neutro ou isolado. Todo enunciado é uma resposta ativa, mesmo que silenciosa, a outros discursos, e está sempre orientado para uma audiência real ou virtual” (p. 280). A homilia, então, é sempre situada: ela responde a uma tradição viva e, ao mesmo tempo, a uma comunidade concreta, com suas dores, esperanças, contradições e perguntas.

Nesse contexto, o pregador age como um mediador dialógico. Ele não é mero reprodutor do texto bíblico, nem um expositor unilateral de verdades doutrinárias, mas alguém que se coloca no entre-lugar da escuta e da fala. Como sugere Hans-Georg Gadamer (1999), “compreender é sempre compreender de novo”, o que implica um movimento interpretativo renovado a cada situação hermenêutica. O púlpito se torna, assim, um espaço de atualização da Palavra em confronto e diálogo com o mundo vivido.

Além disso, a dialogia da homilia envolve o reconhecimento da alteridade. O pregador fala *para* e *com* o outro — os ouvintes, o texto, a tradição, Deus. Essa escuta ativa e responsiva é fundamental para a ética do discurso religioso. Emmanuel Lévinas (1997), ao refletir sobre a responsabilidade diante do outro, propõe que a verdadeira palavra só emerge quando se abre à alteridade. A homilia, nesse sentido, não é uma fala autorreferente, mas um chamado ao encontro, ao reconhecimento do outro e à hospitalidade da escuta.

Em suma, compreender a homilia a partir da dialogia é reconhecer sua natureza profundamente relacional, polifônica e situada. Trata-se de um discurso em trânsito, que circula entre tempos, vozes e contextos, sempre buscando atualizar o Evangelho para o aqui e agora da comunidade reunida. É nesse movimento que a Palavra se faz viva, histórica e transformadora.

3. A HETEROGENEIDADE CONSTITUTIVA DO DISCURSO HOMILÉTICO

A homilia é um discurso profundamente marcado pela **heterogeneidade discursiva**, ou seja, pela presença simultânea e articulada de múltiplas vozes e referências. Essa multiplicidade é uma das características fundamentais que definem sua identidade como gênero religioso, pois reflete a complexidade da própria experiência de fé, que se manifesta por meio da relação entre tradição, Escritura, doutrina, contexto e subjetividade.

Dominique Maingueneau (2008), ao tratar da constituição dos discursos, afirma que “todo discurso se apoia em vozes outras para construir sua legitimidade”. No caso da homilia, essa dinâmica se torna particularmente visível por meio da intertextualidade, que se expressa em citações bíblicas, alusões teológicas, releituras patrísticas, doutrinas confessionais e referências à cultura contemporânea. O pregador, ao elaborar sua mensagem, atua como um sujeito que organiza e recontextualiza esses discursos anteriores, atualizando-os à luz da situação presente e das necessidades da comunidade.

Essa intertextualidade constitutiva remete ao conceito de polifonia, desenvolvido por Mikhail Bakhtin (1997), que descreve o fenômeno em que múltiplas consciências coexistem em um mesmo texto sem que uma voz anule a outra. Para Bakhtin, “o discurso não é nunca neutro, ele está sempre povoado de vozes alheias, de ecos, de ressonâncias” (p. 280). A homilia, portanto, se apresenta como um campo de forças discursivas, em que o pregador deve equilibrar, de modo ético, as diferentes vozes que o compõem: a voz do texto bíblico, a voz da Igreja, a voz da comunidade, e até mesmo a voz do próprio tempo histórico.

Como observa Luiz Carlos Bombassaro (2005), “o discurso religioso, especialmente o homilético, deve assumir sua pluralidade de vozes para não se tornar dogmático e autoritário”. Ao reconhecer essa pluralidade, o pregador se afasta de um modelo monológico e adota uma postura dialógica, abrindo-se à escuta e à incorporação de diferentes perspectivas que enriquecem a compreensão do texto e da realidade.

Além disso, Julia Kristeva (1980), ao desenvolver o conceito de intertextualidade, afirma que “todo texto é a absorção e transformação de outro texto”. Essa perspectiva reforça a ideia de que a homilia é um discurso que reconfigura e ressignifica discursos anteriores, num movimento que não é de mera repetição, mas de produção de sentido novo. A Escritura, assim, não é apenas citada

ou explicada, mas interpretada à luz do presente, com vistas a produzir transformação espiritual e ética nos ouvintes.

Essa multiplicidade de vozes, longe de fragilizar o discurso homilético, confere-lhe densidade teológica, riqueza simbólica e força persuasiva. Como destaca Paul Ricoeur (2005), a hermenêutica da pregação é uma “prática da escuta do texto no horizonte do ouvinte”, em que se cruzam os mundos do texto e do auditório. Nesse cruzamento, o pregador atua como intérprete e mediador, convocando as vozes da tradição e da atualidade para um encontro produtivo no momento presente.

A heterogeneidade discursiva também impõe ao pregador a tarefa de construir coesão e coerência, sem, contudo, sufocar a diversidade de sentidos. É nesse ponto que entra o que Michel Foucault (1996) chama de "autor-função": o pregador não é apenas alguém que fala, mas aquele que organiza o campo do dizível dentro de uma comunidade. Seu papel é filtrar, recompor e modular os diversos discursos que circulam, dando-lhes forma e direção em função dos objetivos da homilia.

Em síntese, a homilia é um gênero discursivo que, por sua própria natureza, opera em um campo de tensões entre tradição e atualidade, entre texto e contexto, entre autoridade e escuta. Sua força reside justamente em sua capacidade de integrar vozes distintas e, a partir delas, construir um discurso que edifica, desafia e transforma. A heterogeneidade constitutiva da homilia não é, portanto, uma fragilidade, mas sua maior riqueza: ela permite que o Evangelho seja continuamente reinterpretado e encarnado nas diferentes realidades históricas, culturais e espirituais dos ouvintes.

4. A PERFORMATIVIDADE DO DIZER HOMILÉTICO

A homilia, além de ser uma forma de interpretação e exposição bíblica, é também um ato performativo. Ela não se limita a transmitir um conteúdo informativo; ao contrário, produz efeitos concretos — espirituais, emocionais, morais e sociais — no interior da comunidade de fé. Nessa perspectiva, o dizer homilético é também um fazer: ele transforma, convoca, consola, denuncia e mobiliza.

O conceito de performatividade, originalmente formulado por J. L. Austin (1962) na obra *How to Do Things with Words*, refere-se a enunciados que não apenas descrevem uma realidade, mas a criam ou modificam por meio do próprio ato de enunciação. Quando um pregador diz, por exemplo, "Deus te perdoa", ele não está apenas informando algo — está realizando um ato de perdão em nome de Deus, na medida em que está investido de autoridade religiosa e situado em um contexto litúrgico. A homilia, nesse sentido, é uma prática discursiva que age sobre o real, não apenas uma exposição doutrinal.

Judith Butler (2003), ao expandir o conceito de performatividade para o campo da linguagem e da identidade, afirma que “os discursos têm o poder de constituir aquilo que nomeiam”. Essa perspectiva é particularmente fecunda para pensar o impacto da homilia: ao nomear o pecado, a graça, a esperança ou o juízo, o pregador não apenas evoca conceitos, mas cria experiências de confronto, acolhimento, transformação e decisão nos ouvintes.

A dimensão performativa da homilia se manifesta também em sua dimensão ritual. Como destaca Paul Zumthor (1997), o discurso oral em contextos religiosos

é carregado de uma “energia performativa” que não pode ser separada do corpo, da voz, do espaço e da relação entre os participantes. O pregador, nesse quadro, não é apenas um transmissor de ideias, mas um corpo que comunica — por meio de gestos, entonação, pausas e emoção — uma mensagem viva. O púlpito, assim, torna-se um palco simbólico onde se encena a Palavra.

No contexto religioso evangélico, a homilia assume um papel performativo central. Os sermões, especialmente em programas evangelísticos televisivos como os conduzidos pelo evangelista Luiz Gonçalves, são construídos com forte apelo retórico e afetivo. Utilizam-se de narrativas, testemunhos pessoais, perguntas retóricas e convites à decisão, tudo isso visando não apenas informar, mas levar o ouvinte a uma ação concreta, como o batismo, a mudança de vida ou o compromisso espiritual. É o que Jacques Derrida (1997) chamaria de “força ilocucionária” do discurso: aquilo que o dizer realiza ao ser dito.

Além disso, a performatividade está diretamente ligada à relação entre linguagem e poder. Como observa Michel Foucault (2009), os discursos religiosos são historicamente investidos de uma autoridade específica, que lhes confere poder de moldar condutas, regular subjetividades e produzir verdades. A homilia, então, não é neutra: ela atua como instrumento de configuração simbólica da realidade, legitimando práticas, valores e identidades.

Essa performatividade exige responsabilidade. Como enfatiza Humberto Eco (2000), “a palavra é sempre um ato ético”, especialmente quando proferida em espaços de autoridade simbólica, como o púlpito. O pregador, ao falar, não apenas interpreta a Escritura, mas cria horizontes de sentido que influenciam profundamente a vida dos fiéis. Ele convoca a comunidade a ver, sentir e agir de determinada maneira, e isso requer não apenas competência retórica, mas também sensibilidade ética e espiritual.

Por fim, a força da homilia reside em seu poder de convocação. A palavra proferida no culto não ecoa no vazio: ela cria comunidade, provoca adesão, estabelece alianças, como afirma Emmanuel Lévinas (1980), para quem a linguagem é sempre encontro com o outro. A homilia, como ato de fala situado e performativo, é lugar de convocação para a escuta, para a transformação interior e para a ação no mundo.

5. O ETHOS DO PREGADOR E A AUTORIDADE DO DISCURSO

A autoridade do discurso homilético não reside unicamente no conteúdo teológico que transmite, mas está profundamente enraizada na figura do pregador — na imagem que este projeta de si mesmo diante da comunidade de fé. Essa imagem, que Aristóteles denominou *ethos*, é uma das três principais formas de persuasão, juntamente com o *logos* (argumento) e o *pathos* (emoção). Em sua *Retórica*, Aristóteles (2015) afirma que o orador conquista a confiança do público quando demonstra prudência (*phronesis*), virtude (*areté*) e benevolência (*eunoia*). No contexto da homilia, o *ethos* se traduz em coerência entre o que o pregador diz e o modo como vive: trata-se de uma autoridade não apenas verbal, mas existencial.

No discurso religioso, especialmente na pregação cristã, esse *ethos* é essencial, pois a palavra proferida carrega uma responsabilidade simbólica que ultrapassa a mera instrução. Como sublinha Paul Tillich (1973), “a autoridade religiosa é uma autoridade participativa”, ou seja, o pregador não fala *sobre* Deus

como um objeto externo, mas a partir de uma experiência de fé vivida e encarnada. É nesse sentido que o pregador é visto não apenas como intérprete da Escritura, mas como alguém cuja própria vida é um testemunho do que proclama.

Michel Foucault (2009), ao refletir sobre o poder dos discursos religiosos nas sociedades cristãs, argumenta que sua eficácia reside menos na lógica argumentativa e mais na verdade que encarnam: “o discurso da fé se impõe não pela demonstração, mas pela filiação a uma verdade proclamada”. Tal verdade, no entanto, precisa ser sustentada por uma figura que inspire confiança — e aqui o ethos se torna condição de possibilidade da eficácia do sermão. O pregador torna-se, assim, um sujeito investido de autoridade simbólica, cuja palavra é recebida não apenas por seu conteúdo, mas pela confiabilidade daquele que a pronuncia.

A questão do ethos é também central na teoria da argumentação contemporânea. Ruth Amossy (2008), ao articular as dimensões retóricas e discursivas da imagem do orador, propõe que o ethos não é uma essência, mas uma construção textual e social: “o ethos é sempre uma imagem construída no e pelo discurso, mas referida a um sujeito empírico que fala em situação”. No caso da homilia, essa construção é moldada por fatores como a reputação do pregador, sua linguagem corporal, sua emoção, sua fidelidade doutrinária e sua adesão aos valores da comunidade. A autoridade homilética, portanto, é uma autoridade relacional, situada e constantemente negociada com o auditório.

Essa responsabilidade é ainda maior quando se considera que o púlpito é um lugar de escuta atenta e de expectativa espiritual. O pregador é visto, muitas vezes, como porta-voz de Deus. Como aponta Leonardo Boff (2004), “quem prega deve fazê-lo como quem serve à comunidade, não como quem domina, pois o evangelho é serviço e não imposição”. Nesse sentido, a autoridade do pregador é inseparável da humildade com que se coloca diante da Palavra e da comunidade. O ethos do pregador não é apenas uma construção persuasiva; é também uma postura ética e espiritual diante do outro.

Na tradição protestante, particularmente no meio adventista, o ethos do pregador adquire especial relevância, uma vez que a figura pastoral é muitas vezes vista como referencial moral e espiritual para a congregação. Sermões de líderes como George Knight, Dwight Nelson ou Mark Finley — além de nomes brasileiros como Luiz Gonçalves — mostram que a autoridade do discurso está diretamente relacionada à credibilidade construída ao longo do tempo por meio da coerência entre mensagem e conduta. A homilia, nesse contexto, é tanto um exercício hermenêutico quanto um ato de autorrepresentação: o pregador diz o que crê e, ao mesmo tempo, mostra quem é.

Portanto, compreender o funcionamento discursivo da homilia requer atentar para o ethos como elemento constitutivo de sua eficácia. A autoridade homilética não é apenas função da ortodoxia teológica, mas da autenticidade comunicacional. Como diria Hans-Georg Gadamer (1999), “a verdade não se impõe por imposição, mas pela autoridade que se deixa reconhecer no encontro dialógico”. O pregador que comunica com verdade e vive o que proclama contribui para que a homilia seja, de fato, um lugar de encontro com o sagrado.

6. A HOMILIA COMO DISPOSITIVO DE MEDIAÇÃO E RESISTÊNCIA

A homilia é, antes de tudo, um dispositivo discursivo que opera como ponte entre o sagrado e o profano, entre o texto bíblico e a experiência concreta do ouvinte. Ao ser proferida no espaço litúrgico, ela assume a função de interpretar a Escritura à luz da realidade presente, mediando sentidos e atualizando significados. Nesse processo, como destaca Michel de Certeau (1995), o pregador se torna “um operador simbólico que traduz o invisível em linguagem compreensível, sem jamais esgotar seu mistério”. A homilia, portanto, é um gesto de mediação hermenêutica e pastoral que se realiza na linguagem — linguagem essa que não apenas informa, mas transforma.

No entanto, a homilia não cumpre apenas uma função de conciliação entre os mundos da fé e da vida; ela pode também se constituir como um espaço de resistência discursiva. Conforme Bakhtin (2010, p. 261), “todo discurso verdadeiro está sempre em tensão com outros discursos possíveis; é uma resposta, um posicionamento, uma réplica”. Esse caráter responsivo do discurso implica que toda homilia é potencialmente um ato de posicionamento ético e social. Ao dialogar com as Escrituras e com a realidade histórica, a homilia pode assumir o papel de contraponto crítico às ideologias dominantes, às estruturas de opressão e às narrativas excludentes do mundo contemporâneo.

Leonardo Boff (2001), teólogo da libertação, argumenta que “o púlpito deve ser lugar de justiça, esperança e denúncia”. A pregação não é apenas consolo para os aflitos, mas também incômodo para os satisfeitos. Nesse sentido, a homilia participa da tradição profética das Escrituras, onde a palavra divina não raras vezes se ergue contra reis, sacerdotes e estruturas corrompidas (cf. Amós 5:24; Isaías 1:17). A homilia, portanto, é lugar de resistência simbólica e prática, capaz de produzir rupturas, levantar consciências e mobilizar ações transformadoras.

Essa dimensão ética e política da homilia é enfatizada também por Jon Sobrinho (2005), ao afirmar que “a pregação cristã deve sempre ter um lado subversivo, pois o Reino de Deus anunciado por Jesus confronta os reinos deste mundo”. Na mesma linha, Gustavo Gutiérrez (1988) sustenta que a evangelização autêntica não se separa do compromisso com a libertação dos pobres e marginalizados: “o anúncio da Palavra de Deus deve sempre estar vinculado à prática da justiça e da solidariedade”.

Em contextos autoritários ou de desigualdade social acentuada, a homilia pode tornar-se um lugar privilegiado de resistência discursiva, pois oferece um espaço simbólico de interpretação da realidade a partir de valores que desafiam a lógica do poder dominante. O próprio Jesus de Nazaré, em suas pregações, frequentemente subvertia expectativas religiosas e sociais, aproximando-se dos excluídos e denunciando a hipocrisia dos poderosos (cf. Lucas 4:18-21). Seguindo essa tradição, a homilia contemporânea tem o potencial de ser voz profética contra toda forma de desumanização.

Além disso, a homilia também pode resistir às tendências mercantilizadas da religiosidade moderna. Em um cenário marcado por discursos utilitaristas, espetaculares e emocionalmente manipuladores, o discurso homilético pode afirmar-se como espaço de autenticidade, profundidade e escuta sensível da realidade. Como afirma José Antônio Pagola (2009), “a Palavra de Deus não é para entreter nem manipular, mas para libertar, iluminar e fazer crescer”. Nesse sentido,

resistir também é recusar-se a banalizar o sagrado, é insistir na verdade mesmo quando ela não agrada, é proclamar a esperança mesmo diante do desespero.

Portanto, a homilia, ao funcionar como dispositivo de mediação, revela sua vocação pastoral, litúrgica e pedagógica; mas, ao se constituir como espaço de resistência, revela sua força profética, crítica e libertadora. Esses dois movimentos — mediação e resistência — não se opõem, mas se completam, pois, a fidelidade ao Evangelho exige tanto o cuidado com os fiéis quanto a denúncia das estruturas que os oprimem. A homilia, como gênero discursivo situado, está sempre imersa em relações de poder, e sua potência reside justamente na capacidade de nomear o mundo à luz do Reino de Deus.

CONCLUSÃO

A homilia, sob a ótica do funcionamento discursivo, revela-se como um fenômeno complexo, dinâmico e essencialmente relacional. Como gênero discursivo, ela está enraizada em uma longa tradição histórico-teológica; como enunciado, ela é composta por múltiplas vozes — bíblicas, eclesiais, culturais e subjetivas; como prática discursiva situada, ela não apenas reflete, mas também intervém na realidade dos fiéis, exercendo efeitos éticos, simbólicos e performativos. Nesse sentido, a homilia não é apenas uma forma de falar sobre Deus, mas um modo de agir no mundo por meio da palavra, o que a aproxima daquilo que Austin (1962) chamou de atos de fala e que Butler (2003) ampliou como potência performativa do discurso.

A partir das contribuições de Mikhail Bakhtin, compreendemos que a homilia é um enunciado dialógico por excelência — um discurso que se constitui na interação com outros discursos, sempre situado historicamente e ideologicamente orientado. Para Bakhtin (1997), “a palavra é um território alheio”, atravessada por outras palavras, crenças e valores. Assim, o pregador nunca fala sozinho: sua voz é atravessada pelas vozes da Escritura, da comunidade, da tradição e das contradições do tempo presente. A homilia é, portanto, um espaço de polifonia, no qual a autoridade não se impõe pela univocidade, mas se constrói na escuta, na alteridade e no acolhimento da diversidade de vozes.

Autores como Dominique Maingueneau (2008) e Luiz Carlos Bombassaro (2005) ajudam-nos a perceber que o discurso religioso, quando ciente de sua heterogeneidade constitutiva, evita cair na armadilha do dogmatismo e do autoritarismo, tornando-se um lugar de construção coletiva de sentido. A homilia eficaz é aquela que dialoga com as inquietações contemporâneas sem perder a profundidade teológica, que mobiliza afetos e ideias sem manipulação, e que edifica sem colonizar a consciência dos ouvintes.

Além disso, o discurso homilético, ao se realizar no espaço litúrgico, não se limita à função de ensino, mas se configura como um verdadeiro dispositivo de mediação e resistência (Foucault, 2009; Boff, 2001). Ele tanto traduz o sagrado em linguagem acessível quanto questiona as lógicas injustas que operam no mundo. A homilia, como lembra Jon Sobrinho (2005), pode e deve ser espaço de denúncia profética e anúncio esperançoso — lugar de escuta do clamor dos pobres e de evocação do Reino de Deus.

Por fim, a compreensão da homilia como prática discursiva nos impõe também uma responsabilidade ética. Como observa Paul Ricoeur (2008), interpretar

é sempre um ato que envolve risco, pois tocar o texto sagrado com palavras humanas exige humildade e compromisso. O pregador, ao ocupar o púlpito, torna-se sujeito do discurso e, ao mesmo tempo, servidor da Palavra. Seu ethos, como sublinha Aristóteles (2015), é decisivo para a credibilidade do que é dito: é a coerência entre o ser e o dizer que legitima a autoridade da homilia.

Compreender, portanto, a homilia em sua complexidade discursiva — dialógica, heterogênea, performativa e ética — é essencial para qualquer abordagem crítica da pregação cristã contemporânea. Essa perspectiva não apenas amplia nosso olhar teórico sobre o discurso religioso, mas também nos desafia a pensar o púlpito como um lugar de formação da consciência, de construção do comum e de transformação social. A palavra dita na homilia é sempre mais do que palavra: é gesto, é escuta, é interpelação e é possibilidade de reconfiguração do mundo à luz do sagrado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARISTÓTELES. **Retórica**. Tradução de Manuel Alexandre Júnior. São Paulo: Edipro, 2015.
- AUSTIN, John L. **Quando dizer é fazer: palavras e ação**. Tradução de Danilo Marcondes. 2. ed. Porto Alegre: UFRGS, 1990.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. In: _____. Estética da criação verbal. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 1997. p. 261-306.
- BOFF, Leonardo. **Igreja: carisma e poder**. 20. ed. São Paulo: Vozes, 2001.
- BOMBASSARO, Luiz Carlos. **Filosofia da linguagem e discurso religioso**. São Paulo: Paulinas, 2005.
- BUTLER, Judith. **Deshacer el género**. Barcelona: Paidós, 2006.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer**. Tradução de Efraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1995.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 20. ed. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 2009.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. Tradução de Sírio Possenti. São Paulo: Cortez, 2008.
- RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução de Alain François e Maria Lúcia C. Barbosa de Almeida. Campinas: Unicamp, 2008.